



**O papel do espaço na identidade da literatura nacional:
uma análise sobre *Toda a terça* e *Paisagem com dromedário* de Carola Saavedra**

*The role of space in the identity of national literature:
an analysis on *Toda a terça* and *Paisagem com dromedário* by Carola Saavedra*

Ânderson Martins Pereira¹

Ariane Avila Neto de Farias²

Resumo:

O presente artigo busca refletir sobre questões de espaço na literatura brasileira contemporânea e discutir sobre como essas questões se atrelam, ou não, a uma noção de literatura nacional na atualidade. Nesse sentido, buscar-se-á cotejar as obras *Paisagem com dromedário* e *Toda Terça*, ambas da escritora chilena Carola Saavedra, as quais acredita-se que sejam sintomáticas da problemática espacial objetivada por este trabalho. Para tal, este estudo utiliza-se das contribuições de Bachelard (2008), Dalcastagnè (2012), Tuan (1983) e Zilberman (2010). Este artigo justifica-se por contribuir com os estudos acerca da literatura brasileira contemporânea e com a discussão a respeito da temática do espaço na literatura, os quais têm se destacado nas últimas décadas e têm tornado disponíveis novas ferramentas para melhor entender a atualidade, bem como as sociedades das quais eles se originam.

Palavras-chave: Espaço; Literatura brasileira contemporânea; Carola Saavedra.

Abstract:

This article aims to reflect on space issues in contemporary Brazilian literature and to discuss about how these issues are tied or not to the notion of national literature, at the present time. In this sense, it will be sought to work with *Paisagem com dromedário* and *Toda Terça* both by the Chilean writer Carola Saavedra, which it is believed to be symptomatic of the spatial problem intended by this work. For this, this study was based on the contributions of Bachelard (2008), Dalcastagnè (2012), Tuan (1983) and Zilberman (2010). This article is justified by contributing with the studies on the contemporary Brazilian literature and with a discussion about the theme of space in literature, which have been highlighted in the last decades and have made available new tools to better understand the actuality as well as the societies from which they originate.

Keywords: Space; Contemporary Brazilian literature; Carola Saavedra.

Introdução

Existem vários traços considerados distintivos de literaturas nacionais, dentre eles, um dos considerados mais importantes são as fronteiras ou o que se denomina espaço físico de um país, sendo este último um dos elementos principais para essa rotulação. A relevância do espaço

¹Mestre em Literatura Comparada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: andersonmartinsp@gmail.com

²Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: arianeaneto@hotmail.com



físico é percebida em dois elementos centrais: o primeiro é a inscrição deste na obra literária, a qual deve remeter-se a um lugar comum que, de alguma forma, está presente no contexto de escrita da obra. O segundo elemento é a identidade desse espaço corporificada na persona do autor, que pertence a um lugar espacial próprio, o que lhe atribuiria características de contextos específicos. Esse segundo tipo é de fácil percepção em países da América Latina, nos quais o lugar de nascimento e a nacionalidade são conceitos irmanados de certa forma. Contudo, a contemporaneidade tem questionado cada vez mais esse processo de identidade local que é perpassado tanto por migrações como pelos próprios efeitos da globalização. A problemática do espaço tem se intensificado na literatura nacional, visto que há o surgimento de vários títulos que trazem personagens que transitam não apenas por vários lugares, mas também por largas distâncias. Essas pluralidades e trocas de cenários redefinem fronteiras e a própria noção de distância e de espaço. Dessa forma, é possível observar que as fronteiras que demarcam e identificam o “eu” e o “outro” se esfacelam e, com elas, a hibridização do espaço torna-se inevitável.

A partir do exposto, este trabalho objetiva refletir sobre o espaço brasileiro enquanto fator identitário na literatura local contemporânea nas obras *Paisagem com dromedário* e *Toda Terça*, de Carola Saavedra. A escolha dessa temática se dá pela premissa de inadequação das obras à ideia de centralidade do espaço brasileiro, a qual seria compulsória em uma visão mais tradicional de literatura nacional. Além das obras, a escritora ocupa um papel importante na discussão acerca da legitimidade do escritor brasileiro, visto que não se integra ao ideal de autores locais que corroboram para a formação de uma literatura dita do Brasil. Carola Saavedra é chilena, mas mudou-se para o Brasil aos três anos de idade, alfabetizou-se em português e ainda residiu na França e na Alemanha. Dentre as obras da autora, pode-se citar: *Do lado de fora* (2005), *Toda Terça* (2007), *Flores azuis* (2008), *Paisagem com dromedário* (2010) e *Inventário das coisas ausentes* (2014).

Como dito, as obras *Toda Terça* e *Paisagem com dromedário* não se passam no Brasil. O ambiente de *Paisagem com dromedário* é uma ilha imaginária que concatena elementos de várias culturas, dentre os quais pode-se citar: dromedários, um vulcão adormecido e um aeroporto com “ares de modernidade”. *Toda Terça*, contudo, inscreve-se em dois espaços bem demarcados geograficamente, sendo formada por duas histórias que se costuram: a personagem Lara encontra-se no Rio de Janeiro, enquanto Javier está em Frankfurt. A narrativa nos apresenta a primazia por espaços multiculturais, nos quais ambos os personagens se mostram dissonantes de um ideário de nação condizente com sua procedência.



A vivência em várias culturas pode ser sentida em ambas as obras da autora, que apresentam, em geral, uma atmosfera intercultural ou espaços de livre acesso a várias culturas em que nenhuma pode ser considerada inteiramente hegemônica. É interessante ressaltar que as duas narrativas eleitas para análise são consideradas e vendidas como literatura brasileira pela crítica. Cabe salientar também o fato de serem publicadas pela Companhia das Letras, importante editora nacional, o que autentica uma questão de mercado, além de serem escritas em português do Brasil. Por fim, este trabalho busca também discutir o pertencimento ou a exclusão das duas obras supracitadas ao nicho de literaturas brasileiras e qual a relevância do espaço para esse pertencimento, bem como o que se entende por esse conceito.

O espaço na literatura brasileira

Para iniciar a análise, é necessário remeter-nos ao ideal de centralidade do espaço brasileiro na literatura nacional. Essa ideia se consagra na formação da nossa literatura. O romantismo é o movimento literário que, em certo grau, dá forma à literatura nacional, ressaltando e recriando elementos que compõem um ideário de nação. No romantismo, as peculiaridades do Brasil, dentre elas o espaço, são temas e traços que distinguem essa literatura das demais, como observado por Antonio Candido (2000):

Os velhos temas, são os problemas fundamentais do homem, que eles preferem considerar privilégio das literaturas. É como dizer que devemos exportar café, cacau ou borracha, deixando a indústria para quem a originou historicamente. E o mais picante é que os atuais nacionalistas literários acabam a contragosto nesta mesma canoa furada, sempre que levam a tese particularista às consequências finais. (CANDIDO, 2000, p. 17)

Para o autor, ainda que o Romantismo busque um ideal de nação, o movimento se cria a partir de uma tendência estrangeira no país. Portanto, o apego às questões românticas seria de certa forma ilusório, já que a literatura nacional da época dependia de outras literaturas estrangeiras e mantinha ainda uma forte conexão com Portugal. Contudo, o ideal de espaço nacional se fortificou no imaginário da nação e está presente em vários textos críticos sobre a literatura brasileira.

Entretanto, o cenário envergado pela contemporaneidade parece caminhar em uma direção contrária àquela almejada pelo espaço do ideal romântico, demonstrando o quanto a literatura brasileira vem sendo atualizada e modificada com o passar dos anos. A exemplo disso, pode-se citar a idealização do espaço bucólico, que cambiou para uma ênfase no urbano, reflexo da rápida urbanização brasileira. O espaço urbanizado visto hoje não é necessariamente nacional;



mescla-se, contudo, a outros espaços do mundo ou torna-se de tal forma globalizado a ponto de romper com a referência espacial real, circunscrevendo sua existência parcial ou total apenas à obra de ficção.

Mesmo aquele que pode parecer o mais estável desses objetos – o estado-nação – é frequentemente caracterizado por populações em movimento, fronteiras questionadas, configurações, habilidades e tecnologias móveis. A inevitável mobilidade em tempos de fluxos globais inclui, evidentemente, a imaginação. E aqui já nos aproximamos da produção literária de forma mais evidente. (REZENDE, 2015, s/p)

Beatriz Rezende (2015) aponta não apenas para a liquidez das fronteiras de conceitos, como o de estado, mas também para a visão do mundo ou imaginação do indivíduo que é cerceada por esses ambientes, pois o espaço físico se acrescenta ao ficcionalmente construído, por exemplo. Na contemporaneidade, as culturas se mesclam, ficando cada vez mais difícil distinguir uma identidade local não perpassada por outras referências locais ou globais. Dito isso, o espaço passa a ser questionável tanto em sua ocorrência nas obras literárias como enquanto elemento que produz ou significa a persona do autor, ainda que a adequação dessa figura a apenas um espaço, como produtor ou marca de sua identidade, torna-se cada vez mais difusa, visto os processos globais atuais previamente citados.

Ainda sobre questões espaciais, Regina Dalcastagnè (2012) pontua o personagem como produto também dos ambientes em que estão na obra literária. A partir dessa conexão, pode-se perceber que tanto personagens quanto espaços são reflexos de identidades em trânsito e que essas fragmentações identitárias e espaciais na literatura são reflexos da sociedade da qual emergem. A autora pontua que

[...] o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem, seja ela nômade ou não. Mas personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea (era muito mais fácil encontra-las nos romances regionalistas). (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 109)

Na passagem acima, Dalcastagnè (2012) discorre sobre a efemeridade de fronteiras espaciais na literatura contemporânea e demonstra que o ambiente brasileiro, quando introjetado na obra, não necessita inscrever-se como um lugar central. Nas narrativas contemporâneas, o contexto pode concatenar vários lugares geográficos em uma mesma obra e inscrevê-la também em espaços corpóreos e identitários concebidos a partir de personagens diversificados. Nesse mesmo viés, Regina Zilberman (2010), em artigo nominado “Desafios da literatura brasileira na primeira década do século XXI”, exemplifica a descentralização contemporânea do território nacional com a publicação da coleção *Amores expressos*, cujos dezessete escritores, levados cada um a lugares diferentes do globo, receberam a incumbência de produzir um romance que se ambientasse nesses espaços. A autora reflete sobre a ocorrência

de múltiplos ambientes, traduzidos em várias obras, como possível traço constitutivo da literatura nacional atual.

Ainda sobre a significação do personagem pelo espaço e, partindo da existência plural de espaços, é necessário observar que esse não é um processo transformativo unilateral, ou seja, o personagem (re)formata o entorno no qual se insere. Para Dalcastagnè (2012), apenas a ambientação do espaço não daria conta de uma caracterização total do personagem, visto que este também estabelece uma relação de corporificação no e por meio do ambiente. A autora propõe uma narrativa do corpo considerando sua estrutura, o modo de fala, ou características do personagem, que ajudariam o leitor a construir o espaço da narrativa e o lugar no qual este se inscreve.

Se antes tínhamos a farta apresentação de móveis, utensílios e vestimentas, além de detalhes da própria casa e da rua onde ela estaria instalada, para esclarecer a posição de determinada personagem, hoje, precisamos nos ater ao modo como ela fala, como gesticula e se comporta diante de outras para saber de onde elas vêm, e quem ela é. Mais do que nunca, a personagem transporta seu próprio espaço, por mais reduzido que ele seja. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 128-129)

Como visto na citação acima, vários são os componentes que devem ser analisados ao discorrermos sobre o espaço. Nesse sentido, cabe salientar que neste trabalho utiliza-se a diferenciação feita por Tuan (1983) entre os conceitos de espaço e de lugar. Dessa forma, o lugar corresponderia a um reduto fechado e a um ponto de referência, e o espaço possuiria inerente a si a noção de movimento – ainda que o processo de significação exposto por Dalcastagnè seja comum a ambas esferas.

Outro ponto pertinente na problemática do espaço na literatura nacional é a questão do autor e, nesse sentido, é importante pensar sobre sua proveniência espacial. Nas obras de Carola Saavedra, pode ser observada a ocorrência de não apenas uma, mas a de várias culturas, fator esse que remete à vivência da própria autora que residiu em outros países. Existe uma ideia tácita de que o autor de literatura brasileira deve pertencer a este espaço, levando à frente uma identidade nacional de literatura ao cumprir um requisito de nascimento e de vivência no espaço da nação. Porém, Saavedra não obedece a essa “regra”: não é brasileira, não tem sua vivência no Chile e não pode ser considerada francesa ou alemã. A autora se inscreve em um entre-lugar espacial, que é perpassado por no mínimo quatro nações. Assim, frente a essa diversidade, o que se destaca em sua obra são as similaridades dessas culturas e personagens constantemente em trânsito.

A questão do entre-lugar cultural nos livros aqui analisados remete a confluência das identidades brasileira e chilena – ambas bem marcadas na vivência da autora – que são

provenientes de países pós-coloniais. Silviano Santiago (2000) discorre sobre os elementos comuns à latino-América e inscreve o continente nesse lugar difuso que parte de relações com seu colonizador ao mesmo tempo em que tenta rompê-las. Nas palavras do autor,

O imaginário, no espaço do neocolonialismo, não pode ser mais o da ignorância ou da ingenuidade, nutrido por uma manipulação simplista dos dados oferecidos pela experiência imediata do autor, mas se afirmaria mais e mais como uma escrita sobre outra escritura. (SANTIAGO, 2000, p. 21)

Nesse âmbito, o autor aponta o entre-lugar da escrita de uma comunidade que busca sua própria identidade, mas que se distingue justamente por sua composição multifacetada. A visão de Santiago (2000) não é exatamente antropofágica, pois esta pressupõe o centro como a metrópole e a colônia como a margem, mas sim prima pela desconstrução de ambos conceitos. O latino-americano não é mais colono e não está no centro, mas em um entre-lugar.

A partir dessa discussão de teorias da literatura e do espaço, pode-se observar que a literatura brasileira contemporânea ressignifica a relação entre ambos os conceitos. De posse desse pressuposto, buscar-se-á analisar as obras supramencionadas.

Toda Terça, Martes, Tuesday e Dienstag: o espaço concebido de uma perspectiva intercultural

A obra *Toda Terça* tem sua narrativa dividida em dois diferentes espaços representados por dois personagens que se encontram equidistantes no globo terrestre. Laura localiza-se no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, e Javier, em Frankfurt, na Alemanha. As conexões na história de ambos, que vão acontecendo durante a obra, comporiam um índice de aproximação de duas culturas que não seriam de todo diferentes. Contudo, o indicativo da problemática cultural pode ser observado já no próprio nome do personagem Javier, demonstrando que se trata de um latino que vive na Alemanha. Javier é colombiano e emigra para Frankfurt. Ele possui uma relação com a cultura alemã de certa forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que busca salientar traços de sua cultura de origem, demonstra um movimento de apropriação do espaço e da cultura em que vive.

Nas paredes, uma mistura dos mais diversos estilos, pop art, reproduções impressionistas, um quadro renascentista e a Frida Kahlo, por algum motivo incompreensível havia um certo tipo de mulher que achava linda a tal da Frida Kahlo, Ulrike também, linda, mas, Ulrike, uma mulher de bigode?, eu tentava argumentar da forma mais racional possível, e daí?, ela respondia, ofendida, como se o bigode fosse dela, linda, sim, você não viu o filme?, além do mais tinha personalidade, é o que importa, a personalidade, e insistia em colar na parede do quarto um enorme pôster da Frida Kahlo de bigode e rodeada de macacos. Ulrike achava lindo. (SAAVEDRA, 2007, p. 79)



No excerto acima, pode-se observar a construção de um ambiente multicultural. No lugar descrito, vivem a personagem Ulrike, que é alemã, e Javier, que é colombiano, mas todas as referências de feminino para a personagem alemã são mexicanas e essas visões se personificam, no espaço, por meio da figura de Frida Kahlo, pintora mexicana. No outro núcleo do romance, a personagem Laura narra as histórias de sua vida a Otavio, seu psicólogo, e nelas insere um Rio de Janeiro não menos híbrido. Nesse espaço, ela flerta com personagens estrangeiros, assiste a filmes internacionais e faz referências a diversas culturas no cinema, nas artes plásticas e nas viagens realizadas por ela ou por conhecidos:

Os gregos são os homens mais bonitos da face da Terra, dizia a frase final, uns deuses, engraçado que eu tivesse escrito isso, era como ver um fantasma, uma viagem ao passado, um postal para mim mesma, de um lugar tão improvável como a Grécia, mas eu realmente havia estado lá, e, mesmo que a minha memória me enganasse, a prova estava ali, nas minhas mãos, engraçado que Laura a guardasse. (SAAVEDRA, 2007, p. 109)

O excerto acima é narrado por Camilla, amiga de Laura, que após muitos anos a visita no Rio. A desconstrução das fronteiras do espaço físico, bem como o pertencimento unilateral dos personagens a esses lugares, pode ser observada na passagem acima. A personagem se depara com um postal que escreveu em sua juventude e nele relê seus comentários acerca dos gregos, reparando em como ela dirigira-se aos indivíduos distintos da noção de masculino que ela compreendia até então. Nessa escrita, a personagem inscreve a ideia do “eu” e do “outro” demarcado por fronteiras. Todavia, ao rever sua posição, a personagem não a reconhece mais como legítima, pois hibridizou-se culturalmente. Comentando ainda essa mescla cultural, há no eixo de Javier a incidência da mesma personagem, Camilla. Ambos os personagens são *hispano hablantes*, contudo preferem utilizar-se do alemão para comunicações corriqueiras.

Ulrike, se presente a esses encontros, intrigada, perguntaria, por que você fala com Camilla em alemão? E eu ficaria sem saber o que dizer e diria que falo porque ela responde ou que falo por puro instinto, por falta de algo em outra língua para dizer. (SAAVEDRA, 2007, p. 113)

A citação acima traz em si uma releitura do lugar da linguagem dentro do romance. Nesse sentido, pode-se destacar dessa passagem a expressão “falo por puro instinto”, pois ela vai contra ao senso comum que relegaria à língua materna o status de instintiva. A língua seria, dessa maneira, entendida como ferramenta, destituída de sua identidade, sendo eleita por moldar-se aos interlocutores do discurso. A identidade se utiliza da língua para significar e, a citação acima sugere que essas ferramentas linguísticas se dão de forma mecânica, como na passagem “falo por que ela responde”. Esse fato implica em ambos possuírem o alemão e



poderem se utilizar dele e, adicionar a isso, a verbalização do personagem que fala “por falta de algo em outra língua para dizer”, mostrando que o alemão também não é eleito por uma especificidade cultural. Em seu lugar, poderia estar o lituano ou o sânscrito; sua eleição se dá apenas para resolver o problema da comunicação entre ambos os interlocutores.

Ainda que a língua seja vista como ferramenta para Javier, ela não é caracterizada apenas como tal, dentro de uma constituição de espaço linguístico nacional. O português do Brasil é visto como um dos elementos centrais na distinção da literatura brasileira. Bosi (2006) pontua que o português é imposto à literatura brasileira desde a colonização, funcionando como elemento legitimador do território denominado brasileiro. A problemática da língua se torna sintomática na obra *Toda Terça* por inscrever-se como ferramenta. O interessante, contudo, é que, ao resumir a língua como veículo na obra, a identidade não se perde, mas dilui-se para fora de suas próprias fronteiras.

A ilha como espaço de convergência

Ambos os romances, *Paisagem com dromedário* e *Toda Terça*, desafiam a centralidade e o pertencimento das narrativas ao espaço do Brasil. Contudo, em *Paisagem com dromedário* existe a inserção da narrativa em um lugar mítico. O conceito de espaço mítico de Tuan (1983) é duplo: a primeira noção refere-se ao mito propriamente dito, ligado ao puramente imaginário. Já a outra está correlacionada a ideia de mítico causado pela não experimentação de um determinado espaço, o que faz com que este seja imaginado com base em relatos e na lógica do já vivido. Nas palavras de Tuan (1983, p. 98), os “[...] erros fatuais abundam no campo não percebido. Este campo não percebido é o espaço mítico irreduzível de cada homem, o ambiente impreciso do conhecido que dá ao homem confiança no conhecido.”

Como é possível inferir nessa passagem, o espaço mítico se concebe também a partir do espaço real e vivenciado. A ilha, na qual está inscrita a narrativa de *Paisagem com dromedário*, brinca com esses dois processos de mitificação do espaço. Esta se apresenta como uma ilha genérica, sem grandes características, deixando o leitor livre para criar um espaço mítico subjetivo, a partir de sua concepção de pequena ilha do Pacífico. Porém, no decorrer da narrativa, o processo de mitificação se dá por associação a lugares reais e já conhecidos ou mitificados pelo leitor. A partir da inserção de elementos comuns ao leitor, ele vai redefinindo o ambiente com base no conhecimento de outras culturas e espaços que possui. Pode-se dizer que a mitificação desse espaço na narrativa se dá de uma maneira subjetiva, partindo para uma



lógica mais global no decorrer da obra.

Nesse ambiente, existe uma ausência de elementos que remetam ao Brasil, ainda que em alguns momentos a cidade de São Paulo seja mencionada. Não há nenhum indício de que os personagens sejam brasileiros e de que a história pregressa da protagonista tenha se passado no país. O espaço nacional é trocado não por um ambiente facilmente associado a um lugar real, mas por essa ilha imaginária, que é um lugar mitificado e em trânsito, como o é a própria narrativa:

Estou no extremo sul da ilha. Se eu nadasse em uma linha reta imagino que em algum momento chegaria ao Antártico. Terras austrais. De qualquer forma, o extremo sul não significa muita coisa, quando o extremo norte fica a pouco mais de duas horas de carro. Poucas horas de carro, e pronto, terminou a ilha. O mar, em compensação, parece inesgotável. Assustador. O mar aqui é um mar que ainda não foi domesticado. Nunca lhe foi imposto limite algum. Até mesmo as cores, o cheiro, as algas, tudo nele parece que acaba de surgir. E me vem sempre a sensação de estranhamento quando olho em volta e vejo estradas, casas, pessoas, como em qualquer outro lugar. (SAAVEDRA, 2010, p. 9)

Como visto na passagem acima, a primeira definição do espaço é bastante genérica. Pode-se atentar também para o fato de que esse lugar se parece com outros, sendo motivo de estranhamento da protagonista. Contudo, as similitudes físicas do espaço só serão narradas no decorrer da obra. Ainda assim, o leitor é convidado a mitificar o espaço da ilha. Entretanto, a personagem Erika não deixa o leitor totalmente livre na imaginação desse espaço. A personagem imprime a está mitificação um tom bastante específico que são seus sentimentos.

O espaço da narrativa pode ser associado ao momento de transição em que a personagem se encontra. O ambiente da ilha é um lugar de isolamento e de possível cura para a personagem, refletindo seu estado psíquico. Pode-se aventar a hipótese de que a ilha em que Erika se inscreve é reflexo da ilha emocional da qual a personagem se vale para suportar o trauma causado pela morte de Karen, personagem com a qual teve um envolvimento amoroso. Essa questão de espaço, a partir de um viés fenomenológico, é exposta por Bachelard (2008) no seguinte trecho:

O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações para dar uma situação de todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as permitividades. Fazemos passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do aí. (BACHELARD, 2008, p. 216)

Como pontuado acima, o ser também recria o espaço, portanto, pode-se dizer que ainda que a escolha da personagem pela ilha fosse aleatória, a percepção da ilha pela personagem inscreve nesse espaço não apenas sua leitura, mas sua própria visão de mundo. Essa fuga de um território real para um ambiente mítico é perpassada pelo emocional, o que sugere uma fronteira



narrativa que não se identifica com o território físico, mas que concebe o espaço tendo por base emoções comuns aos seres humanos. Destarte, esse lugar projetado a partir de emoções humanas, transcende a ideia de espaço brasileiro, já que se constrói a partir da necessidade de fuga após a experiência com a morte de outrem. Essa característica é facilmente reconhecível como humana e conectada a vários seres que podem não estar alocados somente no espaço brasileiro.

Meu voo sai daqui a algumas horas. Já fiz a mala, tomei banho, me arrumei, pedi um táxi, me despedi de Pilar. Simples assim. (pausa) Fui me despedir de Pilar. Vim te dar um abraço, eu disse. Não tive coragem de dizer, vim me despedir. Talvez por ter sempre a sensação de que as coisas não existem até que as chamemos pelo nome. (SAAVEDRA, 2010, p. 166)

Erika, no excerto acima, demonstra que o espaço de trânsito deve ser abandonado no final da narrativa. Ela então se despede, em final aberto, no qual não se sabe o futuro da personagem. Sabe-se apenas o seu desvencilhamento do espaço da ilha. A frase “As coisas não existem até que as chamemos pelo nome” pode ser lida como índice do futuro impreciso, pois não sabe-se se a personagem abandonará a ilha e voltará para sua antiga vida ou se recorrerá ao suicídio, visto pela personagem como possível possibilidade de fuga. Dessa forma, a escolha do futuro da personagem ou da ausência de futuro não existem na narrativa, pois o futuro não é nominado.

A obra é escrita como se o texto fosse, na verdade, composto por transcrições dos áudios deixados pela personagem Erika em sua estadia na ilha. Como dito, a personagem busca nessa insula reedificar-se após a perda de Karen, sua amiga e amante. A existência de um triângulo amoroso entre a protagonista, Karen e Alex vai se desvelando na obra, sendo este último o possível ouvinte da narrativa. Na tentativa de romper com o passado, a protagonista busca refazer a vida com uma nova identidade na ilha. Porém, quando percebe que o passado persiste em sua memória, ela decide romper com a ideia e aceitar sua própria história.

A sala é grande, espaçosa. Uma janela, uma porta fechada. A sala está vazia, quase na penumbra. Há apenas uma mesa de madeira e sobre ela um gravador. No canto esquerdo do gravador, pisca uma luz amarela que ilumina tenuemente o cômodo. Ouve-se uma voz que diz: Como te dizia, fiz a minha mala, me despedi de Pilar. Ruído. Interrupção. (SAAVEDRA, 2010, p. 167)

O excerto acima finaliza a obra em que, após a saída de Erika, o espaço torna-se protagonista. A descrição espacial inscreve na obra a importância do ambiente e, em um suposto silêncio deixado pela egressão de Erika, ainda existem significados que emergem exatamente da sua ausência corpórea, frente a sua presença sonora por meio da gravação de áudio, até que



ela se interrompe. O espaço na obra traz, a todos momentos, os resquícios da presença da personagem que o recria por meio de sua narrativa. Esse espaço genérico demonstra uma narrativa compromissada com uma temática que extrapola as fronteiras do local, criando um espaço que se constrói a partir de outros territórios, mas não se identifica diretamente com nenhum deles.

Considerações finais

Como visto, o espaço é um componente importante na distinção das literaturas brasileiras. É a partir dele que muito das personagens e da narrativa se constrói, já que esse se faz fundamental para se pensar qualquer forma de vida e mesmo em qualquer forma de relação que se institui. Nesse sentido, na contemporaneidade, o esfacelamento de fronteiras locais se faz sentir na literatura. Definir mecanismos para distingui-la é tarefa complexa e talvez pouco profícua diante da especificidade de várias obras que compõem o presente cenário. Não se pode pensar em uma “desterritorialização” de espaços na literatura brasileira, mas na amálgama de vários espaços a esse nicho narrativo que são sintomáticos de personagens e indivíduos em trânsito. Dessa forma, é importante pensar o espaço também como o efeito da diferença, assim como afirma Blanchot (2011):

Na obra, o artista não se protege somente do mundo mas da exigência que o atrai para fora do mundo. A obra doma e submete momentaneamente esse “lado de fora” restituindo-lhe uma intimidade, ela impõe silêncio, confere uma intimidade de silêncio a esse lado de fora sem intimidade e sem repouso que é a fala da experiência original. (BLANCHOT, 2011, p. 47)

Pensar na inscrição das vivências da autora na presente problemática de espaço é de fato irresistível, pois Saavedra se escreve nesse espaço ambíguo entre muitas nações e culturas. Como visto acima, na visão de Maurice Blanchot, o espaço literário permite ao escritor a criação de espaços íntimos seus. Nessa leitura, as fronteiras geradas por Saavedra se inscrevem em um pertencimento ao misto; tais características podem ser tidas como intensificadas pela vivência da autora. Ainda assim, essa visão desconsidera o contexto da obra e as tendências da literatura brasileira contemporânea. Dalcastagnè (2012) e Rezende (2015) inscrevem a literatura contemporânea a uma esfera “pluriespacial” e “pluricultural”.

A literatura brasileira contemporânea por si só tende a apresentar sujeitos em trânsito, pertencentes a espaços líquidos ou mesmo errantes. É uma literatura que nos mostra as mais variadas formas da fragmentação do “eu”, tendo o espaço como um dos seus maiores aliados

nesse processo de ressignificação. Como afirmado por Sandra Almeida (2015), o espaço contemporâneo é afeito a movimentos que acentuam o seu caráter processual e de movimento tanto por suas circunstâncias geopolíticas e avanços tecnológicos quanto por sua configuração histórica e social. Quer seja a problemática do espaço que contribua para uma miscigenação cultural, quer seja a globalização cultural que assoma ao indivíduo uma reorganização de suas fronteiras, os efeitos são visíveis nas duas narrativas aqui escolhidas. Pode-se dizer, contudo, que ambos os processos convergem em uma nova literatura que redefine o espaço para além dos limites da nação.

Referências

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virginia M. Vasconcelos (org.). *Espaços e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ed. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo, Cultrix, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.
- REZENDE, Beatriz. A literatura brasileira em um mundo de fluxos. *Revista Z cultural*, Rio de Janeiro, v. 01, 2015.
- SAAVEDRA, Carola. *Paisagem com dromedário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Toda terça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- ZILBERMAN, Regina. Desafios da literatura brasileira na primeira década do século XXI. *Nonada Letras em Revista*, Porto Alegre, ano 13, no. 15, p. 183-200, 2010.

[RECEBIDO 13/07/2017]

[ACEITO 13/03/2018]